

O PARÁ NOS JORNAIS DO PORTO: ENTRE ANÚNCIOS, ECONOMIA, EXOTISMO E OUTRAS AMBIGUIDADES (1900-1910)

THE PARÁ IN THE NEWSPAPERS OF
PORTO: BETWEEN
ADVERTISEMENT, ECONOMY,
SNAKES AND OTHER AMBIGUITIES
(1900-1910)

Cristina Donza Cancela¹

Endereço profissional: Avenida Augusto Corrêa, n.01
Guamá, 66075110 - Belém, PA.
E-mail: donza6@gmail.com

Resumo: O trabalho analisa as matérias que foram publicadas sobre o Pará, entre os anos de 1900 a 1910, em dois dos maiores jornais de circulação na cidade do Porto (Portugal)- *Jornal de Notícias* e *O Commercio do Porto*. O Objetivo é discutir o perfil das notícias vinculadas, e analisar em que medida o aumento da imigração lusa para o Pará, no auge da economia da borracha, refletiu em um maior volume de informações sobre o estado nos periódicos.

Palavras-chave: Jornais; Imigração portuguesa; Pará.

Abstract: The paper analyzes the news published about Pará, between the years 1900 to 1910, in two of the largest newspapers the city of Porto(Portugal) *Jornal de Notícias* e *O Commercio do Porto*. The objective is to discuss the profile of the news, and examine the relation between the increase in Portuguese immigration to Pará, at the height of the rubber economy, and the volume of information about the state in the periodicals.

Keywords: Newspapers; Portuguese Immigration; Pará.

1 É doutora em História pela Universidade de São Paulo-USP(2006), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP(1997), sendo graduada em História pela Universidade Federal do Pará-UFGPA(1992). Realizou estágio Pós-doutoral na Universidade de Lisboa(2014). Atualmente é professora da Faculdade de História da UFPA, do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. É investigadora integrada da Universidade de Lisboa. Tem experiência na área de estudos de História da Família, Migração, Gênero e Sexualidade. Participa como vice-líder do Grupo de Pesquisa do CNPQ População, Família e Migração na Amazônia e como membro do Grupo de Pesquisa do CNPQ Cidade, Aldeia e Patrimônio. É pesquisadora PQ-2 do CNPQ.

O estado do Pará, na primeira década do século XX, figurava entre os principais destinos dos portugueses que vieram para o Brasil. Em grande medida a economia da borracha e a liquidez que ela gerou, juntamente com as transformações urbanísticas e de serviços, contribuiu para a potencialização do deslocamento luso para o estado. No entanto, até que ponto o movimento populacional gerado pela imigração refletiu em um volume maior de notícias sobre o Pará em terras portuguesas? Que notícias do estado eram vinculadas? Que práticas e acontecimentos envolvendo portugueses eram noticiadas? Como o Pará era, afinal, representado em Portugal? As matérias dos jornais nos ajudam a pensar não apenas as questões econômicas que envolvem o processo de imigração, mas também, chegar mais próximo à agência, sociabilidade e cotidiano dos indivíduos e das travessias.

Para discutir o tema levantamos os periódicos do distrito do Porto, de onde saiu a maior parte dos indivíduos que se deslocaram para o Pará. Vale ressaltar que as relações comerciais não apenas do Pará, mas também de outras localidades brasileiras com o Porto eram estreitas, chegando o Brasil a ser o segundo maior comprador de suas mercadorias. Um negócio alimentado pela rede de comerciantes e famílias que se estabeleceram nos dois lados do Atlântico, a partir da venda de produtos regionais como o vinho e o azeite, mas também, da navegação centrada na barra do Douro e de Leixões. A isto, deve-se somar a importância para a economia portenha, das remessas enviadas pelos imigrantes estabelecidos no Brasil aos familiares que permaneciam em Portugal.²

Para este artigo, elegemos como fonte dois dos principais jornais do Porto, *O Comércio do Porto* e o *Jornal de Notícias*³, bem como, o período relativo aos anos de 1900 a 1910 para análise, que corresponde ao período de auge da economia gomífera e de aumento dos deslocamentos portugueses para o Brasil como um todo, caracterizando o que alguns especialistas chamaram de migração moderna de massa.⁴

Imigração portuguesa: fluxo, economia e redes sociais

Quando se toma como referência as saídas de indivíduos ocorridas a partir do distrito do Porto, de onde migrou a maior parte dos lusos que vieram para o Pará, e mesmo para o Brasil, vemos que o estado se tornou o segundo maior destino dos imigrantes, passando à frente de Pernambuco e ficando atrás apenas do Rio de Janeiro.⁵ Essa expressividade se traduz nos números. Analisando os passaportes do Porto, Jorge

2 ALVES, Jorge Fernandes. Os brasileiros: Emigração e retorno no Porto oitocentista. Gráficas reunidas: Porto, 1994. p 59-63.

3 O *Jornal de Notícias* e o *Comércio do Porto* encontram-se digitalizados e fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal, onde realizei a consulta. Fiz o levantamento dos jornais entre os anos de 1889 a 1910, intercalando os meses pesquisados. Desse modo, foram cotejados seis meses de levantamento em cada um desses anos.

4 PEREIRA, Miriam Halpern A política portuguesa de emigração (1850-1930). Bauru/São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC)/Portugal: Instituto Camões, 2002.

5 ALVES, Jorge Fernandes. Os brasileiros: Emigração e retorno no Porto oitocentista. Gráficas reunidas: Porto, p.124, 1994.

Alves destaca que o estado do Pará recebeu cerca de 6% do total dos imigrantes portugueses que tinham o Brasil como destino no ano de 1889, percentual que pulou para 17%, dez anos depois, em 1899, mantendo-se nos dois casos como o segundo local mais procurado.⁶ Ainda analisando os números do fluxo migratório do Porto, Ferraria encontrou 2.761 indivíduos migrando para o Pará entre os anos de 1880 a 1890.⁷ É importante destacar esse crescimento a despeito do fato destacado por Lobo de que “a imigração declinou substancialmente entre 1898 e 1899, chegando ao nível mais baixo desde 1888, em 1900”.⁸ Ou seja, é justamente nesse período de queda da imigração portuguesa para o Brasil como um todo, que o Pará aponta como um destino importante em função da economia da borracha em ascensão.

Assim, trabalhando com os passaportes do distrito do porto para o Pará entre os anos de 1900 a 1910, levantamos 4.078 indivíduos, o que representou um aumento de 48% em relação ao percentual encontrado para o decênio estudado por Ferraria.⁹

Tabela 1 - Emissão anual de Passaporte do Porto para o Pará (1900-1910)

Anos	Quantidade	%
1900	491	12
1901	272	6,7
1902	302	7,4
1903	262	6,4
1904	362	8,9
1905	393	9,6
1906	429	10,5
1907	461	11,3
1908	310	7,6
1909	349	8,6
1910	447	11
Total	4078	100

Fonte: Livros de Registro de Passaporte do Porto. Arquivo Distrital do Porto.

A média de entrada de portugueses para o Pará nesse período foi de 370 indivíduos. O ano de maior pico migratório ocorreu em 1900, quando esse número pulou para cerca de quinhentos registros, o que pode estar associado à peste bubônica que assolou o Porto no ano de 1899, gerando crise econômica e agitações políticas.¹⁰

⁶ ALVES, Jorge Fernandes. Os brasileiros: Emigração e retorno no Porto oitocentista. Op. Cit.

⁷ FERRARIA, Maria José & AMORIM, Paulo A emigração para o Brasil através dos livros de registro de passaporte do Governo Civil do Porto (1880-1890) In: SOUSA, Fernando & MARTINS, Ismênia. A emigração portuguesa para o Brasil. Porto: CEPESE/Rio de Janeiro: FAPERJ, p.218, 2007.

⁸ LOBO, Eulália. Migração Portuguesa no Brasil. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

⁹ CANCELA, Cristina Donza & COSME, João Ramalho. Entre fluxos, fontes e trajetórias: imigração portuguesa para uma capital da Amazônia (1850-1920). Revista Estudos Ibero-Americanos. Porto Alegre, vol. 42, n°. 1, jan.-abr, p. 232-254, 2016.

¹⁰ PONTES, David. *O cerco da peste no Porto: Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Porto. Porto, 2012. ALMEIDA, Maria Antônia Pires de. As epidemias nas notícias em Portuga: Cólera, peste, tifo, gripe e varíola (1854-1980). História, Ciências, Saúde, Manguinhos. Rio de Janeiro, v° 21, n° 1, abr-jun, p. 687-708, 2014.

Para entender a entrada contínua de imigrantes portenhos para o estado temos que levar em conta não apenas a atração que a possibilidade de riqueza do ouro negro encerrava, mas também, as questões estruturais que fomentaram esses deslocamentos, como as dificuldades econômicas vividas não apenas no Porto, mas também nos demais distritos portugueses¹¹.

Como nos lembra Pereira, a migração foi resultado das distorções do capitalismo dependente português que, juntamente com o aumento demográfico, geraram o deslocamento dos lavradores e pescadores- semiempregados ou sem emprego-, para as cidades de Lisboa e do Porto, que não possuíam elasticidade no mercado de trabalho para absorver essa mão de obra. A miséria e a falta de capital dos trabalhadores foram fatores que alimentaram a migração vista como uma possibilidade de enriquecimento e futuro retorno para o local de origem.¹² Nessa mesma linha de interpretação, Lobo destaca o aumento da imigração lusa de massa a partir de 1890 em função da queda nas exportações de “vinho, frutas, azeite, cortiça gado e minério, em função da deterioração dos termos de troca entre Portugal e a Inglaterra”.¹³ A terra em Portugal encontrava-se cada vez mais fragmentada em função não apenas do crescimento demográfico da população e do sistema de herança que privilegiava um herdeiro para cuidar da terra, mas também, o cerceamento ao acesso das terras comunais pelos grandes proprietários. A crise na colheita de cereais e o aumento das áreas de criação de gado reforçou a alta do preço dos grãos, some-se a isso, a crise financeira que vinha assolando Portugal desde o ano de 1891, em função do endividamento do estado e da inflação do crédito bancário.¹⁴ As condições de saúde eram precárias nas vilas e principais cidades, e o recrutamento militar afastava o trabalhador do cultivo da terra de sua família. Lisboa e o Porto eram os principais polos de atração da população rural que tinha nessas localidades o primeiro destino de seus deslocamentos, seguindo depois para o Brasil.

O conjunto das questões estruturais acima levantadas fez com que entre o período de 1890 a 1906-1907, houvesse aumento da imigração portuguesa para o Brasil, pulando para 400.000 indivíduos, contra o montante de 270.000 no período de 1875 a 1890.¹⁵ Além das questões estruturais da economia portuguesa, a abolição da escravidão, a intensificação da indústria e da política de atração de imigrantes por parte do governo republicano estimularam esses deslocamentos. Ainda que a maior parte desse contingente se deslocasse para o Rio de Janeiro e São Paulo, o Pará teve um papel importante de atração em função da economia do látex, como referido.

11 A divisão administrativa de Portugal compreende os “Distritos” que agrupam um certo número de “Concelhos” que têm à frente um representante do governo com funções de caráter administrativo. Os Conselhos, por sua vez, são formados pelas Freguesias. SILVA, Henrique Dias da. “Reformas administrativas em Portugal desde o século XIX”. *Jurísmat*, Portimão, nº.01, p.65-97, 2012.

12 PEREIRA, Miriam Halpern, op. cit., p.19.

13 LOBO, Eulália. op. cit. p.17

14 SANTOS, Luis Aguiar. A crise financeira de 1891: uma tentativa de explicação. *Revista Análise Social*, vol. XXXVI, p. 185-207, 2001.

15 LOBO, Eulália, op.cit. p.24.

É importante destacar que embora as questões estruturais econômicas até o momento levantadas sejam fundamentais para entender o processo migratório, desde a década de 70 a historiografia vem mostrando, como nos alerta Kok,¹⁶ a necessidade de pensarmos os deslocamentos sem nos limitarmos às dificuldades financeiras e de patrimônio, evitando, desse modo, a abordagem do *push-pull*.¹⁷ Nessa perspectiva analítica, ao discutir a imigração para o Pará devemos estar atentos não apenas às questões de caráter demográfico-econômico, mas também, às representações, práticas, comportamentos, redes de sociabilidade, parentela e conterrâneidade montadas num longo trânsito de deslocamentos constantes de diversas gerações de indivíduos e famílias portuguesas em solo paraense.¹⁸ Com isso, o imigrante deixa de ser analisado como o sujeito passivo à mercê dos ditames normativos e econômicos, sendo sua agência reconhecida e atualizada nas redes sociais acionadas, nas memórias e trajetórias de seu curso de vida.¹⁹

Outrossim, se a economia da borracha foi um importante gatilho para o aumento dos deslocamentos, as redes sociais atualizadas a partir de várias gerações de migrantes portugueses no estado, ajudaram a minimizar as incertezas e potencializar a decisão de migrar.²⁰ Também não se pode deixar de ressaltar que nem sempre essas redes eram formadas por parentes e conhecidos. As décadas finais do século XIX e a primeira do século XX viram um movimento de população em massa que passava não apenas pelas redes familiares e de conterrâneidade anteriormente fomentadas, mas também pela rede mais movediça e porosa de agências de viagem, engajadores e agentes governamentais, que contribuíram para fazer com que essa população assolada pelas dificuldades internas de seu país elegesse o Pará da borracha como destino, mesmo sem possuir relações sociais anteriormente forjadas no estado.

Que informações chegavam a essas pessoas oriundas das diversas freguesias do Porto, sobre o Pará? É difícil ter acesso às notícias trazidas aos parentes, vizinhos e conterrâneos, por aqueles que retornavam. Ou mesmo, as informações enviadas através de cartas e pacotes que cruzaram o Atlântico. Entretanto, de algum modo, podemos acompanhar essas informações a partir dos jornais portuenses, e através de suas notícias e anúncios vinculados, ter acesso às representações que circulavam sobre o Pará. Assim, dentro da abordagem dos estudos migratórios que ressaltam a

16 KOK, Jan. Choices and constraints in the migration of families: The central Netherlands, 1850-1940. *History of the family*, n. 9, p.137-158, 2004. Ou, ainda, MATOS, Maria Izilda. *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidianos*. Bauru: EDUSC, 2013.

17 Trata-se da teoria que parte do pressuposto de que o processo migratório está pautado na decisão racional de um agente frente a sua condição estrutural/conjuntural e de seu grupo, aliada às informações e contatos mantidos com a sociedade de destino e os ditames econômicos. Cf: PEIXOTO, João. *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*. SOCIUS - Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, nº.11, 2004.

18 CANCELA, Cristina Donza. *Redes, gerações e negócios: uma família de imigrantes portugueses na Amazônia*, *Revista Antíteses*, vol.9, nº.17, jan./jun. p. 136-156, 2016. DOI: 10.5433/1984-3356.2016v9n17p136; FONTES, Edilza. *Preferem-se português(as): Trabalho, cultura e movimento social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002; CARVALHO, Marcos Antônio. *Bebendo açaí comendo bacalhau: Perfil e práticas da sociabilidade lusa em Belém do Pará entre finais do século XIX e início do XX*. 2011. Tese (Doutorado em História), Universidade do Porto. Porto, 2011.

19 KOK, Jan. Principles and Prospects of the life Course Paradigm In: *Annales de demographie Historique*, n.1, p. 203-230, 2007.

20 CANCELA, Cristina Donza. *Redes, gerações e negócios: uma família de imigrantes portugueses na Amazônia*, Op.cit.

importância da agência dos imigrantes, os jornais nos aproximam de fragmentos da experiência e do universo das práticas dos indivíduos, atualizando representações sobre o lugar e sua gente na publicação de notícias cotidianas.

O Jornal de Notícias

No final do século XIX e nas primeiras décadas do XX os jornais modernizaram seu padrão gráfico, aumentam a tiragem e passam a ter um caráter mais noticioso, publicando folhetins, diminuindo o preço e ampliando os anúncios. Apesar do índice de analfabetismo do Porto rondar em torno de 35% no meio urbano e 60% na área rural, o jornal se mantinha como um veículo importante de comunicação de massa pela sua estrutura, forma noticiosa, divulgando crimes e fatos diversos. Nesse período cerca de 91 periódicos circulavam no Porto, muitos com vida efêmera, porém dois deles mantiveram-se por longa duração; *o Comércio do Porto* e *o Jornal de Notícias*.²¹

Iniciei a pesquisa no *Jornal de Notícias*, uma folha de circulação diária, fundada em 1888, veiculada ao partido regenerador, que se encontrava entre os periódicos de maior circulação no distrito do Porto. O jornal publicava matérias sobre acontecimentos, variedades, moda, folhetins e notícias internacionais, dentro da proposta de uma imprensa moderna que se propunha a ser mais informativa, diminuindo o valor do exemplar e mantendo-se através de um número grande de anúncios.²²

Comecei o levantamento dos exemplares a partir do ano de 1889 e foi decepcionante perceber que apesar da imigração para o Pará já se mostrar significativa desde a década de oitenta, poucas foram as matérias encontradas sobre o estado vinculadas pelo periódico. O anúncio de pacotes com destino para o Pará e Manaus, na última página do jornal, era quase exclusivamente o que se lia sobre essas cidades do norte do Brasil. Os anúncios saíam diariamente e informavam o dia, o nome e a origem das barcas que iriam sair do Porto de Leixões, Distrito do Porto, para o Pará e para Manaus²³. *Obidense, Anselm e Paraense* eram alguns dos vapores que faziam a travessia, todos eles embarcações de origem inglesa²⁴. Com o avançar dos anos, os anúncios de navio e suas saídas se ampliaram, e novos nomes apareceram como o do navio português, *Dona Amélia* e dos ingleses *Manauense e Lanfranc e Dunstan*²⁵. Já no ano de 1900, os anúncios cresceram em tamanho e mudaram de forma, sendo compostos por desenhos de pacotes antes da chamada, estampando em letras maiores os nomes Pará e Manaus. Os anúncios desse período trazem também o nome dos

21 PONTES, David. O cerco da peste no Porto: Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899. Op.Cit.

22 SOUSA, Fernando de. *Jornal de Notícias A memória de um século (1888-1988)*. Porto: Litografia Nacional, 1988.

23 *Jornal de Notícias* de 09 de julho de 1896.

24 *Jornal de Notícias* de 09 de julho de 1896.

25 *Jornal de Notícias* de 08 de agosto de 1896.

agentes e agências do Porto, com quem os passageiros interessados deveriam tratar para realizar a viagem. Algumas dessas agências ficavam em frente ao Governo Civil, local responsável pela emissão dos passaportes.²⁶

Com este novo perfil de anúncio, saímos das propagandas individuais das companhias marítimas informando a saída de seus vapores, para os anúncios de agências de viagem que divulgavam não apenas as datas das saídas das inúmeras embarcações, mas também, o serviço de aquisição da documentação necessária ao deslocamento e a venda de passagem de várias companhias marítimas em todas as classes. Entre estas firmas, destaco a Agência Abreu, então administrada por Daniel Luiz Vieira d'Abreu, filho do fundador, Bernardo de Abreu, considerada a agência mais antiga ainda em funcionamento na Europa.²⁷ Segundo seu anúncio “Esta agência encarrega-se de solicitar passaportes, e de obter no porto e nas Províncias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessários para os mesmos.”²⁸

A empresa destacava que possuía agentes legalmente estabelecidos, um dado importante frente às constantes críticas que apareciam nos jornais, referentes às agências e indivíduos sem licença que se aproveitavam da situação dos que iam migrar. Uma dessas matérias foi vinculada como um comunicado e intitulava-se “A colônia do Pará”, seguida do subtítulo: “prevenção aos incautos”. Tratava-se de um indivíduo que teria se tornado agente de viagem, sem ter licença para tal. A matéria denunciava a formação de uma “rede nova lançada aos dinheiros do estado e dos honrados brasileiros no Pará”. Segue informando que é alguém conhecido das repartições públicas e policiais e que “está mettido em camisa de onze varas, sem ter gravatas de tal alcance, ele é fraudulento, mentiroso e falso, como Judas!”.²⁹ Os descaminhos das agências em relação aos emigrantes eram denunciados pelos jornais da época ao mostrarem os abusos cometidos na promessa de facilitar a obtenção dos documentos e o desembarque no Brasil.

Para além dos anúncios de viagens, o *Jornal de Notícias* trazia quase cotidianamente informações sobre os diversos estados brasileiros, extraídas dos periódicos nacionais. A maior parte dessas notícias dizia respeito ao Rio de Janeiro. Contudo, de forma muito esparsa e escassa, encontrei matérias sobre o Pará. Na maioria das vezes, comunicados de dívida comercial, como o que anunciou, José Custódio Ferreira. A nota informava, a quem pudesse interessar, que José Custódio abrisse uma ação comercial de cobrança no valor de quarenta contos de réis, contra Annibal Gomes

26 Desde o ano de 1835, através da lei de 25 de abril, os governos civis dos distritos passaram a ser responsáveis pela emissão de passaportes para o estrangeiro e realizar o assento nos livros de registo de passaporte. Desse modo, o governo descentralizava a emissão desse documento para os agentes da administração local. SOUSA, Fernando de. Et al. A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da agência Abreu (1840). Lisboa: Fronteira do Caos editores/CEPESE, p.27, 2009. ver também: LEITE, Joaquim da Silva. Emigração portuguesa: As leis e os números. (1855-1914). *Análise Social*. Vol. XXIII.n.03, p.463-480. 1997.

27 SOUSA, Fernando de & FERRARIA, Maria José. A emigração portuguesa para o Brasil e as origens da Agência Abreu (1840). In SOUSA et al.(org.) *Nas duas margens: Os portugueses no Brasil*. Porto: edições Afrontamento, 2009.

28 *Jornal de Notícias* de 17 de julho de 1902.

29 *Jornal de Notícias* de 21 de setembro de 1902.

Soeiro, natural de Candal, Villa Nova de Gaia. A nota alertava as pessoas a não realizarem negócio com o referido devedor, “relativamente aos bens situados em Portugal”.³⁰ No dia seguinte, na mesma folha e com o mesmo espaço, o devedor Annibal Gomes Soeiro, retrucou a nota anterior em um novo comunicado intitulado “Pará”, informando que o credor, José Custódio, não podia dispor dos seus bens, em Portugal, ou mesmo no Brasil, acusando-o de realizar o comunicado como meio de pressioná-lo à transação, e que ele iria aguardar a justiça dos tribunais. Reitera que a divulgação da nota na imprensa era uma forma de pressão e seria um “truc” já conhecido que “se emprega sempre como desafogo de causas perdidas”.³¹

Matérias como essa, nos atentam para o fato de que comerciantes com negócios e firmas no Pará, mantinham também bens e negócios no Distrito do Porto. Não era incomum nos inventários abertos em Belém, capital do estado do Pará, a referência à bens existentes em Portugal como imóveis e quintas, evidenciando um constante trânsito desses sujeitos, ao menos daqueles com renda e patrimônio, entre o Pará e o Porto.³² Esses comerciantes faziam parte de um grupo seletivo de imigrantes com recursos que podiam transitar entre os dois lados do Atlântico em viagens de negócio e/ou de lazer. Este dado mostra que antes de ser um movimento único de partida e chegada, a migração de sujeitos abastados, se atualizava em um movimento constante entre os portos, diferentemente da massa dos imigrantes pobres que, frente às adversidades, muitas vezes, ficava dependendo de instituições filantrópicas para retornar às suas freguesias portuguesas.³³

Voltando para os periódicos, encontramos um terceiro grupo de informações sobre o Pará no *Jornal de Notícias* referentes à chegada, a viagem, ou mesmo, o falecimento de proprietários portugueses que fizeram fortuna com o negócio da borracha. Este assunto ocupava a segunda maior parte das notícias que mencionavam o estado nesse periódico.

Matérias como a vinculada no dia 18 de janeiro de 1907, estampada na folha 2 do jornal, onde se via o desenho do comerciante português que fez fortuna no Pará, José Antônio Martins, o barão de Monte Córdova. A matéria comunicava a realização dos seus funerais na freguesia de Monte Córdova, e publicava a biografia do comerciante, em que se lia que este foi bem novo para o Pará, onde enriqueceu e mantinha vários bens arrolados em seu testamento que encontrava-se no estado brasileiro.

30 *Jornal de Notícias* de 7 de novembro de 1901.

31 *Jornal de Notícias* de 08 de novembro de 1901.

32 CANCELA, Cristina Donza. *Redes, gerações e negócios: uma família de imigrantes portugueses na Amazônia*, Op.cit..

33 HIDAKA, Ana Tereza Tomiko Vicente. *Os infortúnios da imigração portuguesa: A benemérita liga portuguesa de repatriação (1908-1949)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém, 2013.

Notas como essa, em um jornal de grande circulação, sugerem o impacto local das notícias sobre a possibilidade de fortuna no Pará da borracha. Informações sobre indivíduos que enriqueceram, compraram títulos, realizaram ações beneméritas poderiam se tornar gatilhos importantes na decisão de migrar e ter prosperidade. Mas não se pode deixar de mencionar que essas matérias concorriam com aquelas em que a emigração para o Brasil era quase sempre retratada com conteúdo negativo, denunciando as condições de maus tratos, subjugação e quase escravidão em que os emigrantes portugueses viajavam e viviam. Essas matérias eram frequentemente encontradas e consideravam a emigração um mal a ser combatido.

Analisando estas tensões representacionais sobre a emigração portuguesa, Isilda Monteiro nos alerta que a imprensa regional oscilava entre a:

Defesa da repressão da saída daqueles que abandonavam seu país em procura de melhores condições de vida, pelos impactos negativos que daí advinham para Portugal, e o reconhecimento que o desenvolvimento local dependia, quase exclusivamente, das remessas dos emigrantes ou dos que, depois de uma vida de trabalho no exterior, retornavam à sua terra natal.³⁴

Essa tensão e ambiguidade estava presente em vários espaços da vida portuguesa, para além das folhas dos periódicos, como destaca Fernanda Maia, que analisou os discursos da câmara dos deputados mostrando como eles estavam pautados na condenação da emigração para o Brasil mas, ao mesmo tempo, não criavam mecanismos eficazes para combatê-la. Afinal, a emigração era importante para os recursos financeiros portugueses, por conta das remessas, e para desafogar as tensões políticas e econômicas do campo, com a falta de trabalho.³⁵

A ambiguidade vai estar presente nas notas do *Jornal de Notícias* que, ao mesmo tempo em que lançava matérias denunciando a emigração para o Brasil como uma forma de escravidão branca, publicava notas de pessoas e famílias que enriqueceram. Ou seja, o mesmo jornal que veiculava os terrores da emigração, trazia informação, em destaque, de portugueses que fizeram fortuna em terras brasileiras, noticiando suas saídas e chegadas, a riqueza adquirida, os títulos conquistados, os cargos e funções assumidos.

A leitura e o conhecimento dessas notícias podiam reverberar na decisão daqueles que pretendiam migrar, trabalhar na terra, iniciar um novo negócio, ganhar dinheiro para retornar com recursos a Portugal. Se a dúvida dessa possibilidade podia ser trazida pelas matérias que condenavam o processo de emigração, a matização do

34 MONTEIRO, Isilda. Os passaportes: do enquadramento legal à prática (1855-1926) In: SOUSA, Fernando et al. Um passaporte para a terra prometida. Porto: Fronteira do Caos & CEPESE, p.117-136, 2011.

35 MAIA, Fernanda & SOUSA, Sousa. "A emigração para o Brasil no discurso parlamentar oitocentista". In. SOUSA, Fernando e MARTINS, Ismênia. A emigração portuguesa para o Brasil. PORTO: CEPESE; Rio de janeiro: FAPERJ, p.51-68, 2007.

revés podia ser atualizada pelas notícias de indivíduos que se transformaram em barões, negociantes de grosso trato, beneméritos importantes em suas freguesias de origem. Isto, aliado a gama de agentes, engajadores e a propaganda oficial vinculada pelos governos das cidades brasileiras, nos ajuda a pensar o quadro das informações em que se moviam os moradores do distrito do Porto, e as representações sobre o Pará atualizadas nos jornais.

Contudo, como inicialmente pontuado, se as notícias sobre o Brasil e a emigração eram publicadas com regularidade no *Jornal de Notícias*, as matérias exclusivas sobre o Pará não eram frequentes, restringindo-se aos anúncios de companhias marítimas, agências de viagem, conflitos e dívidas de comerciantes, notas sobre portugueses de prestígio que fizeram fortuna no estado. Notícias esparsas que seguiam o fluxo de acontecimentos contingenciais. Diante disso, busquei um segundo jornal para perceber em que medida esse padrão de divulgação se mantinha em outras folhas.

Jornal O Commercio do Porto

O jornal *O Commercio do Porto* possuía grande circulação no distrito, tendo sido fundado em 1854, por Manuel Carqueja e Henrique de Miranda, em princípio com o nome *O Commércio*, sendo um dos mais importantes do Porto.³⁶ A linha editorial estava centrada em notícias sobre os negócios, a agricultura e a indústria que, segundo seu programa publicado no ano de seu jubileu, “constituíam-se nos três pilares das nações modernas”.³⁷ O jornal começou circulando três vezes por semana, passando a ser uma publicação diária ainda em 1854.

Por ser uma folha que se propunha a estar voltada para as questões da produção e do comércio, imaginei poder encontrar um volume maior de informações sobre o Pará, seus negócios e negociantes. E foi o que ocorreu. O *Jornal Comercio do Porto*, assim como o anterior, trazia anúncios de companhias marítimas e agências de viagens, bem como, matérias relativas à portugueses ricos residentes no Pará. No entanto, diferentemente do *Jornal de Notícias*, *O Commercio do Porto* mantinha colunas regulares onde se lia “Brazil” e o subtítulo, “Cartas do Pará”, que se propunha a ser publicada mensalmente, pelo menos nos primeiros anos do século XX. Por vezes, a coluna passava períodos longos sem ser vinculada, para logo voltar a sê-lo, com o pedido de desculpas pela ausência por parte do correspondente do jornal que a editava. O autor da coluna assinava G.C., provavelmente as iniciais de Gregório Profino da Costa, comerciante português residente no Pará desde 1897. Gregório veio para o Pará solteiro, com 31 anos de idade, já chegando na condição de negociante e assumindo cargos, como

36 PONTES, David. O cerco da peste no Porto: Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899. op.Cit

37 Jomal O Commercio do Porto de 02 de junho de 1904.

o de membro do conselho fiscal do Banco do Pará³⁸. Desse modo, não fazia parte da massa de lavradores, artesãos, pescadores e trabalhadores que chegaram nesse período da imigração de massa sem instrução e condição financeira.

Além do Pará, o jornal mantinha nessa mesma coluna intitulada “Brazil”, cartas de outros estados do norte brasileiro, como “Cartas de Manaus”, onde também, por vezes, encontramos notícias relativas ao Pará. Diferentemente do formato das colunas editadas por um correspondente, a coluna intitulada “Brazil”, reproduzia notícias extraídas de jornais brasileiros. Acontecimentos do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, bem como Pará e Manaus, eram publicados em notas soltas. A maior parte das notícias relativas ao Pará publicadas nessa coluna advinha do Jornal “Folha do Norte”.³⁹

Essas colunas regulares, somadas às notícias sobre acontecimentos eventuais, viabilizaram o levantamento de um volume maior de informações sobre o estado no Jornal *O Commercio do Porto*, permitindo um olhar mais denso das diversas formas através das quais o Pará era representado na folha portuguesa. Por outro lado, a especificidade da linha editorial do jornal, voltada para questões relativas, não apenas, mas preferencialmente, para a produção e o comércio, me permitiu inferir a relativa importância que o estado passou a ter no Porto em função da economia da borracha. Os possíveis migrantes e, ainda, pessoas ligadas ao comércio, podiam ficar informadas dos acontecimentos comerciais e políticos ocorridos em terras paraenses. Informações importantes para os negócios e para as decisões que envolviam a migração, a abertura de uma firma, o trabalho junto a um parente ou conterrâneo, o reencontro com um marido ou familiar, o trabalho na lavoura ou na extração da goma elástica. Como foram vários os assuntos encontrados nesse periódico, resolvi analisá-los em tópicos.

Os Anúncios do *Commercio do Porto*

N’*O Commercio do Porto* foram encontrados inúmeros anúncios de paquetes e vapores para o Pará e Manaus, contudo, as companhias divulgadas eram distintas daquelas encontradas no *Jornal de Notícias*. Assim, vamos encontrar a *Companhia Hamburgueza*, que anunciava a saída das Linhas do Norte pelo porto de Lisboa, passando pelos estados do Pará, Maranhão, Ceará e “Parnahyba”, a bordo do navio *Rio Grande*, e do vapor *Antonina*.⁴⁰ A Companhia Garland, Laidley & C.^a fazia viagens para o Pará e Manaus, no vapor *Madeirense* e *Clement*. O primeiro navio saía em 16 de janeiro de 1907, já o segundo, dez dias depois, em 26 de janeiro de 1907. Dessa mesma

38 Jornal *O Commercio do Porto* de 6 de janeiro de 1901.

39 O Jornal *A Folha do Norte* era editada em Belém desde o ano de 1896. Seu proprietário, Eneias Martins era membro do partido Republicano Federal. Era um jornal de oposição ao Governador do Pará, Antônio Montenegro, pertencente ao Partido Republicano, e ao intendente de Belém, Antônio Lemos, proprietário do Jornal *A Província do Pará*. BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. Jornais Paraoaras: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

40 Jornal *O Commercio do Porto* de 13 de janeiro de 1907.

empresa eram também os vapores *Maranhense*, *Paraense* e *Jerome*, que faziam viagens para o Pará, via Porto de Leixões, sempre com saídas num intervalo de 10 a 12 dias, entre eles.⁴¹ A companhia observava no anúncio que, uma vez chegando ao Pará, se responsabilizava pelo desembarque imediato dos seus passageiros.⁴²

Havia ainda os anúncios de barcas geralmente mais lentas e com viagens mais demoradas, como a *Clara*, de José Nogueira Pinto, comerciante no Porto.⁴³ Ou ainda, paquetes, como o *Paraguassú*, da companhia Hamburg-Amerika Linie.⁴⁴

Mais do que simples descrição exaustiva, os anúncios acima foram detalhados para dar ideia do aumento no volume de paquetes, barcas e vapores vindos para o Pará cotidianamente, e a regularidade de saída de 10 em 10 dias, do porto de Leixões, ou mesmo, de Lisboa. De alguma forma, esse aumento de embarcações tem a ver com a ampliação do número de migrantes para o estado. Boa parte desses imigrantes veio a bordo das barcas, paquetes e vapores anunciados nos jornais, contudo há uma série bem ampla de navegações que não era anunciada, mas que eram responsáveis pelo transporte frequente de passageiros entre o Atlântico. Desse modo, o trânsito de embarcações era mais intenso do que aquele que podemos conhecer a partir da leitura dos periódicos. Este dado pode ser aferido a partir dos registros feitos pelos imigrantes portugueses no consulado do Pará, onde constava a informação da embarcação que servira de transporte para atravessar o Atlântico.⁴⁵ Ou, mesmo, a partir da listagem de embarcações registradas pelo governo português que faziam o controle da tripulação, passageiros e carga.⁴⁶ Parte dessas embarcações citadas nos registros consulares não aparecia nos anúncios dos jornais do Porto, pelo menos não com frequência, como os vapores *Hilary*, *Rio Negro*, *Hildebrand*, *Rio Pardo*, *Cyril* e *Rio Amazonas*. Um universo de transportes clandestinos, ou não, de pessoas e mercadorias que movimentavam a travessia atlântica de norte a norte, e que não deixavam seus registros nas folhas periódicas.

Entretanto, é necessário ressaltar que os vapores *Anselm*, *Augustine*, *Jerome*, *Antony*, *Lanfranc*, *Ambrose*, *Madeirense* e *Clement*, eram os mais citados dentre as embarcações utilizadas por aqueles que fizeram o registro consular, justamente aquelas anunciadas com frequência na imprensa.

41 Jomal O Commercio do Porto de 01 de janeiro de 1901.

42 Jomal O Commercio do Porto de 09 de janeiro de 1907.

43 A maior parte das viagens era feita inicialmente nas barcas e veleiros que dependiam da ação dos ventos e das correntes, acomodando de 100 a 200 pessoas, eram mais lentos e irregulares, podendo realizar a travessia em até dois meses. Com a chegada dos vapores, a partir nos anos de 1860, as condições da viagem melhoram, diminuindo o tempo de travessia para até 18 dias e ampliando a capacidade de passageiros. LEITE, Joaquim da Costa. O transporte de imigrantes: da vela ao vapor". Revista Análise Social, Portugal, vol. XXIV.p.741-752, 1991.

44 Jomal O Commercio do Porto de 1 de janeiro de 1901.

45 As habilitações consulares são livros de registros mantidos pelos consulados portugueses como forma de controle dos imigrantes. No Pará esses livros encontram-se na biblioteca do Grêmio Literário Português e compreendem o ano de 1858 a 1959.

46 Arquivo Histórico da Marinha Portuguesa. Mapa de movimento de passageiros. Listagem das embarcações. Caixa 151, Índice 32.

Além de pessoas e cargas, essas embarcações traziam jornais que atualizavam os portuenses sobre a situação do Brasil e do Pará, embora com semanas de atraso. Notícias que nos ajudam a entender as múltiplas representações que encerravam a imagem do estado. Como a vinculada no dia 7 de julho de 1901 pelo *Comércio do Porto*, publicada a partir da reprodução de notícias de jornais paraenses datados de 22 de junho de 1901, e que foram trazidos a bordo do paquete inglês, *Clement*.⁴⁷ Mais uma notícia das inúmeras que davam conta da situação econômica instável vivida no estado.

Economia, crise da borracha e comércio

Pela sua própria linha editorial, o Jornal *O Commercio do Porto* trazia uma série de matérias relativas à economia do Pará, por isso, a crise da praça em função da queda dos valores da borracha, ocupava boa parte das notícias veiculadas pelo periódico. Embora as décadas iniciais do século XX sejam consideradas de auge da economia gomífera, em alguns anos havia oscilação no preço do produto, gerando instabilidades contingenciais. Foi o que ocorreu em 1900 quando a cotação da borracha caiu significativamente até o ano de 1904 influenciada pela crise nos países capitalistas o que gerou a queda da demanda da goma elástica, e a baixa do seu valor em locais de compra importantes como Nova York. Paralelamente a queda do valor da cotação, ocorreu a reforma bancária levada a efeito pelo governo federal brasileiro que serviu de argumento para o fechamento de vários bancos paraenses.⁴⁸

Essa situação era noticiada na seção “Cartas do Pará”, onde se apresentava a situação de crise da praça. Em matéria publicada no ano de 1901, o correspondente do jornal, em Belém, informou de maneira detalhada, as reuniões do Banco do Pará e a situação de negociação com os credores para não pedir moratória. O jornal publicou extensamente a íntegra dos resumos do demonstrativo ativo e passivo do banco, bem como o parecer do conselho fiscal, num detalhamento da situação da casa bancária e do comércio paraense.⁴⁹ De algum modo, essas notícias extensas que ocupavam várias colunas da folha do jornal, nos fazem pensar que havia interesse dos leitores do Porto na economia do estado, muitos deles comerciantes com negócios e contas nos bancos locais. O mesmo correspondente afirmou que frente: “ao estado geral dos negócios da praça, tem chegado ultimamente uma grande parte de nossos compatriotas que residiam em Portugal, até mesmo alguns que há anos se achavam retirados da vida activa comercial”.⁵⁰

47 Jornal O Commercio do Porto de 7 de janeiro de 1901.

48 SANTOS, Roberto. História Econômica da Amazônia. Op. Cit.

49 Jornal O Commercio do Porto de 6 de janeiro de 1901.

50 Jornal O Commercio do Porto de 6 de janeiro de 1901.

A situação de crise da praça paraense parece ter colocado o estado com mais frequência nas páginas d' *O Commercio do Porto*. Já em fevereiro de 1901, uma carta de Joaquim Adrião da Rocha Primo foi publicada apresentando a situação dos bancos paraenses. Na carta, o correspondente anunciava que a situação do Banco do Pará, Banco Commercial e do Banco do Norte, mesmo com a moratória, tinha perspectiva de recuperação, em função da injeção de capital feita pelo governo do estado. Continuava dando notícias sobre a crise financeira, afirmando que embora as companhias de seguro e as casas aviadoras⁵¹ estivessem entrando em moratória, esse fato se dava “por precaução a fim de ficarem com fundos e poderem fornecer seus fregueses no fabrico de seus produtos vindouros”.⁵² Dois dias depois, a sessão “Cartas do Pará” é novamente publicada e, mais uma vez, a situação dos bancos paraenses volta a ser noticiada na primeira página do periódico, desta feita, falando da situação e possibilidade de moratória do Banco do Norte do Brasil.⁵³

Além dos bancos, as notícias de falência de firmas de comércio de aviamento, com posse de seringais e vapores, também estavam entre os assuntos publicados. Notícias que saíam na primeira página do jornal, como a referente à massa falida de Marques Braga e Cia, que hipotecara o seringal “Liberdade”.⁵⁴ Ou mesmo, a publicada em maio de 1901, replicada do Jornal paraense *Folha do Norte*, que anunciava o fechamento de 117 firmas comerciais na praça do Pará.⁵⁵

A crise da borracha segue em destaque nos noticiários da primeira página. Uma delas denunciava o fato de que os exportadores estrangeiros “trabalhavam francamente para a baixa da borracha” a fim de comprar em baixa as safras vindouras. Vale lembrar que boa parte dessas firmas estrangeiras não era composta por proprietários portugueses, mas ingleses e americanos que compravam borracha dos comerciantes do Porto.⁵⁶ A matéria chamava atenção para o fato de que essa estratégia dos exportadores estrangeiros causava prejuízo aos cofres do estado e do governo federal, e que deveriam ser inibidas com a intervenção do poder público.⁵⁷

No Pará, os portugueses estavam à frente de grande parte das casas de aviamento que vendiam borracha, assim como do comércio de retalho e de serviços. Essa presença se fazia sentir não apenas entre os proprietários, mas também os funcionários dessas firmas. A historiografia mostrou como homens ainda jovens de diversas vilas portuguesas, migravam para vários estados brasileiros a fim de trabalhar como

51 Casas aviadoras eram firmas de comércio que abasteciam os seringais de mercadorias como alimentos, roupas e utensílios, recebendo, em troca, o pagamento em borracha. O dono da casa aviadora intermediava a venda da borracha para a casa exportadora, ou mesmo uma segunda casa de aviação, maior que a sua, da qual ele próprio era aviado. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *O seringal e o seringueiro: documentário da vida rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, p. 84-89, 1953.

52 Jornal *O Commercio do Porto* de 19 de fevereiro de 1901

53 Jornal *O Commercio do Porto* de 21 de fevereiro de 1901.

54 Jornal *O Commercio do Porto* de 7 de janeiro de 1901.

55 Jornal *O Commercio do Porto* de 31 de maio de 1901.

56 WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*, São Paulo, HUCITEC/EDUSP, [1983]1993.

57 Jornal *O Commercio do Porto* de 09 de novembro de 1909.

caixeiros.⁵⁸ Notícias sobre a situação desses empregados também ganhavam as páginas do jornal *O Comércio do Porto*, como a da manifestação encetada pelos empregados no comércio de Belém, contra um imposto que deveria ser pago por esses profissionais. A informação sobre o imposto havia sido divulgada pela administração local, tendo sido feito um abaixo assinado pelos comerciários que o entregaram à Serzedelo Corrêa, com mais de duas mil assinaturas, a fim de que o político intervisse junto à intendência de Belém pela não implementação da referida taxa.⁵⁹ Mesmo que nem todos os empregados envolvidos no ato fossem de nacionalidade portuguesa, a presença importante de pessoas dessa origem justificava a divulgação destacada da manifestação nos periódicos portuenses.

A matéria sobre o conflito dos empregados com a administração pública saiu na primeira página do *Jornal O Comércio do Porto* juntamente com uma segunda matéria relativa à demanda da Associação Comercial do Pará para a resolução do conflito entre os comerciantes paraenses e manauenses. Segundo a notícia, o governo do Amazonas impusera restrições à navegação e às mercadorias que saíam do estado em direção ao Pará.⁶⁰

Não é meu propósito aqui entrar nas questões que envolviam cada um desses acontecimentos trazidos à tona pelos periódicos. Eles estão aqui mencionados a fim de evidenciar que esse conjunto de matérias noticiadas nas primeiras folhas do jornal, tratando da crise da borracha, da falência de firmas comerciais, de manifestações de trabalhadores do comércio e dos conflitos comerciais entre Amazonas e Pará, sugere a relação estreita que havia entre essas duas cidades do norte. Os comerciantes residentes no Pará, portugueses ou descendentes de famílias portuguesas, mantinham negócios e bens no Distrito do Porto. Comerciantes do Porto possuíam firmas e bens vinculados à Belém. Esse trânsito de negócios entre as duas cidades atualizavam um mercado cotidiano de notícias, pessoas e produtos, que faziam com que a economia do Pará, com suas tensões e conflitos, ganhasse destaque nas páginas do jornal português.

O Pará: um lugar ainda exótico e insalubre

De algum modo, a despeito da proximidade comercial, as representações sobre o Pará estavam marcadas pela ambiguidade. Ainda que houvesse uma relação cada vez mais estreita entre o Pará e o Porto, que de algum modo os jornais ajudavam a maximizar, poderia haver muitos receios, medos e desconhecimento do que encontrar no estado.

58 SANTOS, Mario Augusto da Silva. *Casa e balcão: Os caixeiros de Salvador. (1890-1930)*. Salvador: EDUFBA, 2009.

59 *Jornal O Comercio do Porto* de 1 de março de 1901.

60 *Jornal O Comercio do Porto* de 1 de março de 1901.

Mesmo frente às necessidades materiais, às condições favoráveis potencializadas pela existência de uma rede de conhecidos ou familiares residentes na cidade de destino e à inclinação individual ao deslocamento, a decisão de migrar era algo complexo e dependia de múltiplos acertos domésticos, de trabalho e de aviamento da documentação. Até o embarque no navio, uma série de questões precisava ser resolvida e ponderada. Notícias de febre amarela, histórias de envenenamento, crianças que nasciam com escama de cobra, poderiam dissuadir e alimentar os temores de quem nunca havia pisado no Pará, uma cidade do norte do Brasil, de grandes rios, florestas próximas e exotismos.

É o que se lê de matérias como a publicada no dia 22 de outubro de 1902, em pleno auge da economia da borracha, que noticiava o fato da “preta Antônia Maria do Espírito Santo, de 60 anos”, haver envenenado 39 pessoas, entre elas um batalhão de policiais, após terem bebido seu “munguzá”, um mingau feito à base de milho branco, que ela vendia em uma praça na área central da cidade.⁶¹ Ou mesmo, a matéria de abril de 1904, onde o correspondente do *Jornal O Commercio do Porto*, no Pará, noticiava o protesto da colônia portuguesa de Belém, pelo fato do Ministério das relações exteriores de Portugal não ter nomeado um cônsul de primeira classe para o estado e sim, um chanceler do consulado da Bahia, justificando que por causa do “mau clima do Pará, nenhum consul quer ali permanecer”. A matéria segue e pondera que “é bem sabido que as epidemias no Pará não são peores nem melhores do que as do Rio de Janeiro”, mas elas seriam sempre uma ameaça no estado em função do clima quente.⁶² Ainda nesse discurso acerca do clima e de epidemias, o mesmo jornal, alguns anos antes, em julho de 1902, falava no “empenho de collocar a cidade de Belém em situação de imunidade que lhe faça desaparecer a pecha de insalubre”, realizando medidas de “saneamento”. Na sequencia o correspondente afirmava que “um bando numeroso de ciganos infesta os arrabaldes de Belém alternando as suas exhibições de macacos e ursos amestrados, com a prática de crimes de roubo”.⁶³ Clima quente, epidemias, ursos e macacos se misturavam nas letras do jornal acionando a imagem de uma cidade insalubre e perigosa em plena expansão gomífera e modernização da capital belenense, evidenciando a ambiguidade e a antinomia nas representações sobre o estado.

Embora não fosse um jornal do Porto, mas de um distrito bastante próximo, Aveiro, o *Jornal Progresso de Aveiro* publicou no ano de 1908, a notícia de que uma mulher havia dado à luz a uma cobra no Pará. A notícia fora extraída de um jornal paraense e o fato teria ocorrido não na capital, Belém, mas em uma cidade do interior do estado, Alenquer. Mulheres gerando monstros e bichos não eram novidade no imaginário português e, desde o período colonial a crença de que as mulheres eram

61 Jornal O Commercio do Porto de 22 de outubro de 1902.

62 Jornal O Commercio do Porto de 03 de abril de 1904.

63 Jornal O Commercio do Porto de 01 de julho de 1902.

aliadas do diabo, reforçava a ideia de que elas poderiam gerar toda a sorte de monstruosidades.⁶⁴ A história da mulher que pariu uma criança com corpo de cobra não era considerado algo singular à sociedade local, encontrando eco nas representações de feminilidade que encerravam o corpo feminino. Contudo, essas estórias de crianças nascidas com escamas, pretas que envenenavam os alimentos, o clima insalubre e as epidemias, atualizavam e reforçavam percepções e imagens que mantinham continuidade com o imaginário europeu sobre o Novo Mundo e a Amazônia, pautado no exotismo, na natureza selvagem, nas credices e mitos selvagens.⁶⁵

Essas notícias concorriam com aquelas que ensejavam imagens de uma Belém moderna nos seus traços urbanos e costumes. Inúmeras companhias artísticas portuguesas tinham os teatros da cidade como palco, artistas portugueses passavam temporadas em Belém, jantares pomposos em palacetes eram oferecidos a escritores portugueses que visitavam a cidade.⁶⁶ As praças e extensas avenidas iluminadas faziam parte da área central da cidade. Mas, ainda assim, a imagem da selva, da natureza, do clima e do fantástico concorria com as notícias econômicas que lançavam luz sobre o traçado e o cotidiano de uma metrópole civilizada. Como a matéria que reporta à festa religiosa do círio de Nazaré, onde o correspondente do *Jornal O Comércio do Porto* esclarece que a mesma acontecia em Belém, na “praça de Nazareth, onde se ergue a ermida da virgem, abundantemente iluminada a gaz e a electrecidade, apresentando um aspecto extraordinariamente bello.” Ainda se referindo a festa do Círio esclarecia que “era tal a sua importância que grangeou a fama de primeira entre as festas do norte do Brazil”.⁶⁷

Desse modo, mesmo que de forma fragmentada, frestas dos espaços da cidade e de seu cotidiano podiam ser capturados pelos leitores dos jornais portugueses, mostrando uma cidade moderna, civilizada, religiosa e artisticamente ativa, polvilhada por espetáculos e histórias de portugueses que enriqueceram com o ouro negro da borracha.

É ancorado no conjunto dessas notícias que apontavam para as ambiguidades de uma cidade representada como moderna e exótica, que os imigrantes tinham que realizar seus deslocamentos. O mistério da preta que envenena os alimentos, as epidemias, a febre amarela, o clima insalubre, uma cidade de ciganos com macacos e ursos, a mulher que pare uma cobra! Essas imagens de alguma forma circulavam no imaginário portuense, acionando estereótipos e receios de um lugar desconhecido, de

64 PRIORE, Mary Del. *Magia e medicina na colônia: O corpo feminino* In: PRIORE, Mary del & PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, p.78-114, 2011.

65 UGARTE, Auxiliomar Silva. “Margens míticas: A Amazônia no imaginário europeu do século XVI” In: PRIORE, Mary Del & GOMES, Flávio. *Os senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 3-32, 2003.

66 *Jornal O Comercio do Porto* de 30 de novembro de 1909. Sobre a presença de companhias artísticas portuguesas no Pará cf: COELHO, Geraldo Mártires. *O violino de Ingres: Leituras de história cultural*. Belém: Pakatatu, 2005.

67 *Jornal O Comercio do Porto* de 23 de novembro de 1902.

fronteiras movediças.

Entre festas e o antilusitanismo: a antinomia das representações

Embora a produção comercial e a crise da economia da borracha e as notícias sensacionalistas encerrassem o mote da maior parte das informações vinculadas sobre o Pará n' *O Commercio do Porto*, um conjunto de matérias que davam conta de episódios envolvendo portugueses, também circulava informando sobre morte, assassinato e festas.

A relação nominal de portugueses que morreram no estado era divulgada no jornal *O Comercio do Porto*, na coluna “Cartas do Pará”, atualizando familiares e conhecidos sobre tais ocorrências. Algumas dessas mortes quando ocorriam de forma trágica, ganhavam maior destaque. Como o conflito envolvendo dois cunhados portugueses em função de um empréstimo não pago.⁶⁸ A querela que resultou no assassinato de um deles foi detalhada na coluna do jornal. Da mesma forma, morte por acidente trágico recebia algumas linhas a mais, como a de Maria da Conceição, de 17 anos, casada. Ela tinha embarcado no estado do Amazonas a bordo do navio *Clement* com destino à Europa: “falleceu ao chegar ao Pará, sendo transportado para a terra o seu cadáver, bem como o de uma filhinha que a procedeu poucos momentos no caminho da eternidade”.⁶⁹

Para além dos imigrantes com poucos recursos, cuja morte envolta em situação trágica fazia com que seus nomes ganhassem maior espaço nos jornais, havia notas mais extensas dando conta do falecimento de imigrantes que fizeram fortuna no Pará.

Assim, as notas de falecimento de alguns comerciantes e altos funcionários, ou mesmo de seus parentes, recebiam uma frase a mais na relação de nome dos obituários, indicando uma posição social de maior destaque: “Faleceu D. Anna Pereira de Oliveira, prezada consorte do senhor Serafim Fereira de Oliveira e cunhada do snr. Bernardo Ferreira de Oliveira, digno presidente da directoria do Banco do Pará”.⁷⁰ “Faleceu João Maria da Silva, o conhecido proprietário do Café Chic, sócio da firma Arthur Miranda e Cia, actualmente falida.”⁷¹

Outras mortes, entretanto, ganhavam destaque por estarem envoltas em situações que sugeriam o antilusitanismo ainda presente no estado e, que, se manifestava no cotidiano das relações sociais, nos insultos verbais como “galegos” e “burro muito grande”, proferidos em situações descontraídas ou de conflito explícito.⁷²

68 Jornal *O Commercio do Porto* de 27 de março de 1903.

69 Jomal *O Commercio do Porto* de 01 de julho de 1902.

70 Jomal *O Commercio do Porto* de 25 de novembro de 1902.

71 Jomal *O Commercio do Porto* de 15 de agosto de 1902.

72 ALMEIDA, Conceição. O termo insultuoso: ofensas verbais, histórias e sensibilidades na Belém do Grão Pará (1850-1900). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará 2006.

A propósito da migração intensa e da presença expressiva de lusos, notícias que sugeriam o antilusitanismo na capital paraense foram encontradas. Vale destacar que, situações envolvendo conflitos entre portugueses e brasileiros não eram restritas a esse período de migração em massa, mas acompanharam todo o século XIX, ganhando proporção no processo de adesão do Pará à independência e na revolta da cabanagem, movimentos marcados fortemente pelo antilusitanismo.⁷³ Na primeira década do século XX, embora de forma mais esparsa e fora de um movimento político organizado, as tensões e animosidades pontuadas pela nacionalidade voltavam a ganhar espaço.

Esses antagonismos ganhavam visibilidade a ponto do conselheiro Camello Lampreia, ministro de Portugal no Brasil, ter apresentado à Olhinto Magalhães, ministro das relações exteriores do Brasil, queixas das “repetidas agressões de que estão sendo victimas os seus compatriotas no Pará”. A queixa do conselheiro foi gerada em função do assassinato de um português no estado, o cozinheiro Pedro Fernandes, por um brasileiro durante as comemorações oficiais de um distrito judiciário.⁷⁴ Na mesma coluna em que se denunciava esse assassinato, dava-se a notícia de um segundo assassinato, o do português Dr. Corrêa Mendes, por praças da polícia, em uma rua central da cidade de Belém.⁷⁵ Essas contendas e desacordos entre portugueses e brasileiros vão estar nas páginas dos jornais em todo o período analisado neste trabalho, e vão ser matéria de correspondência dos cônsules portugueses no Pará, para o Ministério das Relações Exteriores de Lisboa. Em uma dessas correspondências, datada de 27 de junho de 1908, frente à morte de dois outros portugueses por soldados da polícia do estado, o cônsul Leopoldo de Oliveira, afirmava que esses crimes eram:

Frequentes nesta cidade, porque as autoridades, grande parte da população brasileira, e a policia em particular, não respeitam de nenhum modo as pessoas e bens dos portugueses, devido não só a um estranho odio que eu não sei a que atribuir, como a invejas mesquinhas por não poderem, em geral, os indígenas competir com eles em atividade, e em tudo mais que concorre nos portugueses e os torna superiores na luta pela vida.⁷⁶

O conteúdo da carta do Consul português sugere que o conflito entre portugueses e brasileiros insuflado pelo antilusitanismo não era algo incomum no Pará, e que as matérias de assassinato acima referidas eram apenas algumas das situações que tinham ganhado visibilidade nos jornais portugueses. Mas, ao mesmo tempo, a carta do cônsul possuía uma narrativa envolta por visões raciais eugênicas, associadas às teorias

73 VAQUINHAS, Irene. “Fora galego!” Um caso de antilusitanismo no Pará na década de setenta do século XIX”. Revista Estudos Amazônicos. vol 10, n° 2, 2013. E, ainda, GUIMARÃES, Luís Antônio Valente. De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850) Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

74 Jornal O Commercio do Porto de 10 de setembro de 1901.

75 Jornal O Commercio do Porto de 10 de setembro de 1901.

76Ministério das Relações exteriores. Caixa: Consulado do Pará. Documento n° 1386. Correspondência de 23 de maio de 1908. Lisboa, Portugal.

biossociais do período, que refletiam uma visão pessimista de um país atrasado em função de sua composição étnica mestiça. Nessa percepção de classificação racial assimétrica e hierarquizada, o português é o trabalhador disciplinado em contraposição ao indígena, o natural da terra que, por não sê-lo, não respeita os lusos e suas propriedades.

No entanto, como já disse, se essas notícias sobre eventos e situações de antagonismo e antilusitanismo circulavam n' *O Commercio do Porto* e ganhavam eco nas mensagens consulares, outras tantas ajudavam a inibir essas representações negativas do estado. Matérias comentando a ocorrência de festas portuguesas, o crescimento das associações beneméritas, a presença de artistas e companhias lusas. Esses acontecimentos, de algum modo, serviam para contrabalancear as representações sobre o Pará e o fino fio que podia reger a decisão de um indivíduo em migrar.

Particularmente em relação às festas, essas notas eram importantes, pois para além do evento em si, havia o reforço da ideia de existência de uma colônia portuguesa organizada em solo paraense. As festas realizadas por associações reforçavam a identidade lusa, consolidavam laços, marcavam a sociabilidade em torno da origem, atualizavam a memória e os sinais diacríticos acionados para situar o lugar de pertença na sociedade de destino, ao mesmo tempo em que davam visibilidade à densidade da presença lusa no Pará. Nessas festas a bandeira portuguesa era hasteada, as famílias portuguesas se faziam presente, o escudo das províncias e cidades portuguesas podia ser encontrado na decoração, o Hino da Carta- hino nacional de Portugal até o ano de 1910-, era cantado. Foi assim na comemoração do 50º aniversário da Real Sociedade Portuguesa Beneficente de Belém, ocorrido em novembro de 1904. Na matéria sobre o evento lia-se a manchete: “Festa de portugueses no Pará”, dando visibilidade à presença lusa no estado, construindo a ideia de colônia, ou mesmo, uma comunidade imaginada⁷⁷ atualizada e reforçada pelo evento, pelas cores e bandeiras, pelo hino e autoridades presentes e, finalmente, pela longevidade de uma Associação Beneficente que caminhava para seu quinquagésimo aniversário.

Considerações finais

Os estudos sobre migração procuram se afastar dos limites de uma abordagem estritamente demográfico-econômica para pensar os deslocamentos. A estrutura social mais ampla não explica por si só o processo migratório, embora, através dela, e em diálogo com ela, as pessoas construam suas trajetórias, atualizem suas relações pessoais e intergrupais, nos espaços de possibilidades. O processo migratório se constrói no diálogo entre a estrutura mais ampla e as incertezas, fissuras e contradições da experiência cotidiana, cujos fragmentos podemos encontrar nas notícias dos jornais.

77 ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Esses periódicos nos trouxeram informações sobre pessoas e lugares do norte de Portugal e do norte do Brasil. A partir das matérias dos dois periódicos lusos aqui analisados, vimos à antinomia das representações sobre o estado paraense. A crise da borracha tão alardeada nas matérias, o imaginário exótico, o medo da insalubridade, as mortes trágicas e os conflitos com caráter antilusitano, potencializavam a criação de imagens negativas sobre o Pará, alimentando receios à possibilidade de um possível deslocamento; As festas, os banquetes oferecidos, as associações artísticas, beneméritas e as notícias de pessoas enriquecidas após a migração, competiam com as situações negativas acima pontuadas, auferindo representações mais promissoras aos que pretendiam migrar. Nesse jogo de imagens, os jornais do Porto funcionavam como uma ponte que estreitava a relação entre essas duas cidades, informando sobre a experiência e a sociabilidade daqueles que viviam no Estado através da economia, das notas sociais, dos falecimentos, dos conflitos, e potencializando com os anúncios de embarcações, a travessia dos que permaneciam em solo português. Ao atualizar sobre a vida cotidiana, aproximavam pessoas e famílias distanciadas por mares e navios. Ao mesmo tempo, juntamente com os indivíduos que transitavam entre o Pará e as freguesias portuguesas, os jornais trouxeram referências e fabricavam representações e expectativas em relação ao estado brasileiro, estimulando com suas notícias a imigração, ou mesmo, servindo de freio e alimentando receios e medos de um lugar desconhecido, representado pela tensão e a ambiguidade da modernidade e do exotismo, do enriquecimento e do flagelo.

Desse modo, a intensificação dos deslocamentos lusos para o Pará nos primeiros anos do século XX, potencializou o interesse, as informações e as matérias sobre o estado brasileiro, o que refletiu no maior volume de notícias sobre o mesmo nos periódicos portenhos.

Recebido em 14 de setembro de 2018.

Aprovado em 25 de junho de 2019.